Manhãs de Cascaes

Alberto Pimentel

MUNDO DE LIBROS

Vista previa gratuita · Mundo de Libros · tiendamundodelibros.com

Manhãs de Cascaes

Alberto Pimentel

Edición digital de dominio público.
Texto original: Project Gutenberg.
Mundo de Libros

E-text prepared by Pedro Saborano

Notas de transcrição:

O texto aqui transcrito, é uma cópia integral do livro impresso em 1893.

Foi mantida a grafia usada na edição original de 1893, tendo sido corrigidos apenas pequenos erros tipográficos que não alteram a leitura do texto, e que por isso não foram assinalados.

No original havia uma errata. Nesta edição corrigimos os erros ali apresentados.

ALBERTO PIMENTEL

Manhãs de Cascaes

Edictor

Livraria Ferin

Lisboa

ALBERTO PIMENTEL

Manhãs de Cascaes

1893
Livraria Ferin
Lisboa

I

O primeiro mosquito

Chegou o inimigo.

Ouvi hontem o seu clarim vibrante resoar sobre a minha cabeça em som de guerra.

Era a guarda avançada do grande exercito alado do verão, hunos do ar que invadem os nossos quartos de cama zombando perfidamente de todas as nossas precauções e dilacerando-nos a carne com o seu pequenino áspide, agudo como um punhal.

--Ah! disse eu. É o primeiro mosquito que chega!

E estremeci de horror.

É que se ha animal n'este mundo que me incommode, que seja incompativel comigo, esse animal é o mosquito,--o pequeno mosquito, um dos mais sanguinarios inimigos da humanidade.

Uma vez, em certa praia, um amigo meu mostrou-me o seu quarto, cujas paredes estavam revestidas de uma estranha pintura,--arabescos de sangue, o sangue da victima, o sangue d'elle, o desgraçado!

--Entram os mosquitos, dizia-me o meu pobre amigo, e roubam-me o que eu tenho menos, roubam-me o sangue. Eu, não podendo repellir a aggressão, porque essa praga de mosquitos vem aos centos, adoptei a estrategia de os deixar cevarem-se á vontade. Engordam e agiboiam-se, ficam obesos e inertes. Então sôa a hora da minha vingança, pego n'um sapato e atiro-me a elles como S. Thiago aos mouros. Pá! pá! sapatada para a direita, sapatada para a esquerda, aqui se esborracha um, ali se estampa outro, a parede salpicada de sangue parece um crivo, um mappa, e é assim que eu, durante um

mez, tenho conseguido ornamentar o meu quarto com esta estranha decoração, arabescos de sangue roubado ás minhas proprias veias. O que está ali na parede sou eu, depois de ter atravessado pelo interior de um mosquito. Centenas d'elles me teem sugado, com o meu sangue teem vitalisado os seus orgãos sonoros, porque cada mosquito traz ás costas uma fanfarra estrondosa, que nos ensurdece com o tinido dos seus metaes. Tenho n'aquella parede o meu sangue, e tenho no meu corpo a minha anemia: o traço de união entre aquillo, que é a parede, e isto, que sou eu, é o mosquito.

Ha banhista que prefere dormir na praia, sobre um banco de pau, ou mesmo sobre a areia, a dormir em casa sob a tyrannia dos mosquitos.

Um sujeito encontrei eu já, que, accordando de madrugada meio devorado pelos mosquitos, sahiu para o meio da rua,--com o resto do corpo que elles lhe tinham deixado de fartos.

Logo que amanheceu e a primeira tenda da praia se abriu, elle correu a escrever sobre o balcão a seguinte carta ao senhorio, que era um dos pescadores mais ricos da terra:

«Illmo. sr. José Peixeiro:--Sendo v. s.ª um dos homens mais considerados d'esta localidade, regedor de facto e barão em perspectiva, muito me admira que commettesse a burla de arrendar a sua casa a duas familias ao mesmo tempo. Quando me entregou a chave da porta, fez-me suppôr que não havia lá dentro mais inquilinos. Com effeito, assim me quiz parecer quando entrei, porque a unica pessoa, e essa inoffensiva, que encontrei, foi o cavalleiro D. Fuas Roupinho a pique de despenhar-se do rochedo da Nazareth. É realmente um quadro muito bonito, que, longe de me incommodar, me deleitaria. Aposentei a minha familia, a minha mulher e os meus

filhos, e eu preferi para meu uso o quarto onde se acha o quadro do _Milagre da Nazareth_, porque sou amador, e falla-se mesmo em mim para inspector da Academia de Bellas Artes. Deitamo-nos. Eis senão quando, outra familia de inquilinos surge como por encantamento. Primeiro appareceu o pae, depois a mãe, depois os meninos, depois as meninas, depois os meninos dos meninos, depois as meninas das meninas, depois os bisnetos, depois os tresnetos, depois os tetranetos, uma alluvião de individuos, uma phalange, um exercito e, sem respeito nenhum pelo nosso somno, começaram a conversar em voz alta, o pae com a mãe, os manos com as manas, os tios com os sobrinhos, os primos com as primas. Calei-me a vêr no que aquillo parava. Mas não parou. Depois toda essa magna caterva teve vontade de ceiar, foi á dispensa, foi á cosinha, e como não encontrasse nada para comer, resolveu comer a minha familia inteira. Participo-lhe, pois, que estamos comidos,--duas vezes: pelo senhor e por elles, os outros inquilinos do meu predio. Resolvi portanto mudar de casa para um banco da praia, que está á sua disposição, se nos quizer dar a honra da sua visita. Quanto á sua casa, ahi lhe mando as chaves, para que o sr. vá lá dormir esta noite com a sua familia, a fim de verificar se as minhas informações são verdadeiras ou não.»

O sr. José Peixeiro respondeu immediatamente:

«Lá irei á noite vêr essa pouca vergonha, e se fôr como diz eu cá estou para obrar como regedor.»

Então o pobre queixoso julgou dever prestar mais um esclarecimento importante á digna auctoridade parochial:

«Illmo. sr. José Peixeiro.--Tenho por conveniente informal-o de que na minha carta anterior faltou um _note bene_, que vae agora.

Os inquilinos a que me refiro são os mosquitos.

Supponho que esta informação ha de aproveitar á sua perspicacia.»

José Peixeiro deu-se pressa em enviar a seguinte replica:

«A minha casa é a melhor da villa, e tem sido sempre habitada por pessoas de importancia. Eu, no resto do anno, vivo lá. E tanto eu como minha senhora temos gosado saude; a unica doença que a minha senhora lá tem tido foi um parto. Eu, nem isso; sou são como um pêro. Mosquitos e moscas em toda a parte os ha; a mim ainda me incommodam mais as moscas do que os mosquitos. O anno passado, o sr. visconde do Pecegueiro veiu a morrer para a minha casa, e foi-se embora tão bom, que até o meu compadre barbeiro, que tem pilheria, disse que elle ainda ia capaz de dar pecegos. Mas para não se incommodar com os mosquitos inventou o systema de dormir de caraça e de luvas. Faça o senhor outro tanto, e não dê importancia aos trombeteiros.»

Ah! caro leitor, aviso-o para que se acautele, visto que já fui atacado pelo primeiro mosquito d'este verão: compre caraça e luvas como o visconde do Pecegueiro.

Oh! o primeiro mosquito! Que horror!

II

A comedia das praias

De manhã cedo, na praia, todos parecem ter ainda o olhar vidrado, estupido, de quem acaba de accordar.

Olham uns para os outros com certa surpreza spasmodica, achando-se

feios.

Defeitos que durante o dia chegam a passar despercebidos, avultam: foi n'uma praia que eu descobri que certa dama, aliás formosa, tinha uma orelha maior que a outra... de manhã!

Dar-se-ia o caso que, depois de feita a _toilette_, a orelha mais pequena crescesse ou a maior diminuisse?

Certamente que não. Mas diante do espelho, com vagar, um geito dado ao cabello, artisticamente, encobria o defeito da orelha. O ferro de frisar salvava a situação: a madeixa, que elle fazia descer, salvava a orelha, que a natureza fizera subir.

* * * * *

Em questões de _toilette_, o meio termo não é admissivel: ou tudo ou nada. Ou a _toilette_ esplendida ou... a estatua. Eva, depois do peccado original, faz-nos rir vestida de folhas de figueira. Ora o fato de banho é o meio termo: a folha de figueira. Para vestir... é pouco; para despir... é muito.

Ha porém uma coisa peior do que vestir um fato de banho: é querer sophismal-o.

Certas damas, quando chegam á praia, conseguem dar na vista pela perfeição plastica das suas curvas. Ao entrar na agua, vestidas para o banho, perdem as curvas. Não perderam; deixaram-n'as na barraca. Este sophisma deploravel revela a carencia de um bom argumento. Argumento ou augmento. O eufemismo é o mesmo. Mas só a praia consegue revelar um segredo, de que, quando muito, apenas se suspeitava...

* * * * *

Andam pessoas a enganar-nos durante onze mezes em cada anno.

Suppomol-as polidas, eruditas, francas, estimaveis.

Em Lisboa, quando as encontravamos na rua, trocavam comnosco um _shake-hand_, tinham um dito amavel ou sentencioso, pareciam-nos cordealmente expansivas.

Nas praias, á sombra de um _chalet_ ou de uma arvore, durante duas horas de conversação, desmascaram-se. Dia a dia, podemos fazer o inventario das suas idéas, dos seus sentimentos, das suas opiniões. E, ao cabo de um mez de estação balnear, averiguamos que:

Fulano, que vae á missa em Lisboa, não crê em Deus.

Sicrano, que tinha fóros de erudito, apenas lê a _Revista dos dois mundos_.

Beltrano, que parecia fallar-nos com o coração nas mãos, não fazia outra coisa senão metter-nos os pés nas algibeiras.

* * * * *

Em Lisboa, accusa-se o Gremio e a Havaneza de terem má lingua.

Pobre Havaneza! pobre Gremio! pagam as favas injustamente.

A maledicencia habitual d'esses dois pontos, de reunião tem apenas um caracter pessoal. Eu explico. Ordinariamente, falla-se só do sujeito que passou ou do sujeito que saiu.

A maledicencia das praias estende-se á geração, chega ao pae, passa ao avô, alcança ás vezes o bisavó. É retrospectiva. Por exemplo:

--Quem é aquelle sujeito que vem acolá?

--Pois não conhece! É fulano.

--Não conheço.

--Ha de lembrar-se com certeza do caso da herança do Gutierres. Foi muito fallado.

--Lembro-me, sim.

--Pois este é que falsificou o testamento.

--Este! E anda vestido de branco,--como as virgens!

--É de familia...

--O fato branco?

--Não. A alma negra. O pae foi negreiro.

--Já vem mais de traz, isso.

--Por quê?

--O avô enriqueceu no tempo dos francezes, dando assalto ás casas dos visinhos que tinham fugido.

O sujeito aproxima-se, dois ou tres levantam-se para abraçal-o; mas a esse tempo, que foi pouco, já lhe está desenterrada a familia até ao avô.

O vagar faz colhéres, diz o povo. Nas praias, o vagar faz exhumações tremendas. Não ha bisavô que esteja seguro na sepultura.

* * * * *

Na comedia das praias, as moscas teem um papel importante. Em Lisboa, para se dar importancia a uma mosca, é preciso que ella haja sido audaciosa até o ponto de escolher para suicidar-se o nosso prato

Hasta aqui llega la vista previa gratuita.

Sigue leyendo este libro completo en tu biblioteca:

compralo por $20 MXN o leelo con la Membresia ($149 / 30 dias).

tiendamundodelibros.com